TL1162

JUSTIÇA E PAZ

Folha
Informativa

N.º 10
FEVEREIRO 1991

A PAZ É POSSÍVEL

Perante os acontecimentos que estão a desenrolar-se no Médio Oriente com a Guerra do Golfo, o Secretariado Permanente da Comissão Nacional Justiça e Paz entende dever fazer as seguintes considerações.

A guerra, mesmo numa perspectiva humana, não é um processo adequado para resolver conflitos. Daí que sejam de enaltecer todos os esforços, designadamente os da comunidade internacional, para se encontrar um caminho que permita pôr termo à presente crise.

Mesmo num contexto de guerra, é sempre tempo para se realizarem conversações no sentido da paz, sendo que Deus, invocado por ambos os contendores, só pode estar ao lado da paz.

As maiores vítimas de um conflito são sempre os inocentes, que nada têm a ver com as motivações ou os interesses que o geram. E são, também, eles que se encontram mais distantes da febre que desencadeia a corrida aos armamentos, e com o egoísmo que leva umas nações a quererem dominar outras, numa ostentação de desprezo pelos direitos da pessoa e pelos direitos dos povos. A violência não é, não pode ser o meio de resolver conflitos.

Reconheçam-se os esforços da comunidade internacional para evitar o actual estado de guerra no Golfo, e para repor uma situação de direito num país invadido. Mas não deve silenciar-se a falta de intervenção em outras situações igualmente graves, como é o caso dos Palestinianos, o de Timor-Leste, o da dívida externa dos países pobres, onde a fome e a doença se institucionalizam e vitimam milhões de pessoas, sobretudo crianças.

Nós, cristãos, só podemos tolerar a guerra, quando se trata de legítima defesa, e já não restam outros meios a que recorrer.

Numa hora tão grave como esta, em que o sobressalto e o sofrimento atingem milhões de famílias de ambos os lados, é lamentável a imagem da guerra-espectáculo que alguma comunicação social tem oferecido à opinião pública, sem que um esforço de reflexão faça avultar os valores e contra-valores que estão em causa.

Ao comprometer-se, mais uma vez, com a defesa da justiça, este secretariado permanente recorda os vários apelos do Papa João Paulo II a favor da paz. E deseja que a esperança se sobreponha, no coração de cada um, ao presente clima de guerra, designadamente na consciência daqueles que têm nas suas mãos o destino dos povos e a preservação da paz.

Secretariado da CNJP

JOÃO PAULO II

— A GUERRA É UMA AVENTURA SEM RETORNO

Está com os homens na Europa;
sobre os muros derrubados
das rivalidades ideológicas e políticas,
aparecem para os crentes, desafios e horizontes
de empenhamento.
Sim, o futuro europeu
será repleto de uma prodigiosa vitalidade espiritual,
se for superado o hedonismo
e o materialismo prático
e se se romperem as barreiras
que dividem os seguidores de Cristo.
Unidade da Igreja,
e entre todos os crentes em Cristo:
este é o compromisso dos cristãos
para construir a nova Europa no III Milénio.

A luz de Cristo
está nas Nações atormentadas do Médio Oriente.
Para a área do Golfo, ansiosos,
aguardamos o esvaecimento da ameaça de guerra.
Convençam-se os responsáveis
que a guerra é uma aventura sem retorno!
Com o bom senso, com a paciência e o diálogo,
e no respeito pelos direitos inalienáveis
dos povos e das pessoas,
é possível encontrar solução.

(Extractos da Mensagem Natalícia)

* * *

«COM ARMAS NÃO SE RESOLVEM PROBLEMAS»

«O uso gigantesco de meios e armas conduz a consequências gravíssimas, mas a possível extensão do conflito a todo o Médio Oriente e aos países que não participaram na guerra, torna-se motivo de grande inquietação.

É terrível a lógica da guerra que envolve no conflito outros estados e ameaça, de forma indiscriminada, populações civis. Os deploráveis bombardeamentos de que tomamos conhecimento não são uma fatalidade. De facto *todas as populações civis, quer dum lado quer doutro* têm o direito a serem respeitadas e a não serem envolvidas nas acções militares.

Dirijo-me de novo com confiança a todos os que estão envolvidos a fim de que queiram parar imediatamente o conflito, procurando remover as causas que o provocaram.

A trágica realidade destes dias dá-nos a certeza de que com as armas não se resolvem os problemas mas se criam novas e maiores tensões entre os povos».

20 de Janeiro de 1991

João Paulo II

D. Manuel da Silva Martins

A ÚNICA VIA DEFENSÁVEL É O DIÁLOGO

Mesmo numa perspectiva humana, a guerra é cada vez mais o processo menos adequado para resolver conflitos. A única via defensável é o diálogo e a negociação, baseados no respeito mútuo e na compreensão das motivações dos outros. Porém, a nível mundial, há ainda um longo caminho a percorrer quanto à tomada de resoluções justas que atendam a todos os interesses em causa e, sobretudo, quanto ao modo de conseguir o respeito de tais resoluções perante a resistência apoiada na violência, como são exemplos flagrantes os casos do Iraque e da Indonésia. Face a estas questões, é difícil tomar partido e, mais difícil ainda, é julgar quem quer que seja pelas opções tomadas.

Perante os acontecimentos em curso, os crentes devem pedir a Deus para que proporcione boa orientação aos responsáveis pelas decisões, e para que seja mantida grande transparência das motivações, sem esquecer a solidariedade para com os que sofrem, com atenção particular para as vítimas desta guerra. É também necessário apoiar todos os esforços para reduzir a incompreensão entre crentes de religiões diferentes. Por último, há que militar por uma paz verdadeira, que só pode existir se houver uma melhor repartição dos bens da terra, e respeito pela dignidade de cada povo, merecendo referência especial neste momento, o palestiniano e o libanês. □